

Luz sem luz

2004

Por Marília Panitz

O sujeito regulado por algo externo – som, luz, voz, tempo cronológico... Que lugar terá o acaso? Que lugar terá a escolha? O que determina a obediência a códigos muitas vezes obscuros? Será crença em algum propósito? Será sintoma?

Esse campo de ação (obscuro, sim, mas sem o recurso do suspense, do mistério implícito) é algo que se mantém no trabalho de Adriano e Fernando Guimarães, como herança de anos de diálogo com a obra de Samuel Beckett. Uma orientação poética, talvez. Uma fala que se equilibra entre a resistência à evocação e o desafio à constituição de sentidos possíveis.

Luz sem luz propõe um paradoxo. E propõe o exercício do óbvio. Se ao olho é dado ver e, à luz, a função de tornar visível, entre essas duas operações existem incontáveis gradações (disso todos nós sabemos).

Como um desdobramento/deslocamento – ou anotações de percurso – das questões presentes na mostra *Dupla Exposição*, realizada em Brasília, no final de 2003, a instalação *Luz sem luz* é uma caixa-preta – como câmara obscura e como guardião dos segredos do voo. Caixa-preta que se descobre por facho de luz operados, em um primeiro estágio, pelo observador; pelo acaso (?) em um segundo; e, em um terceiro, pela narrativa circular que os monitores de TV apresentam em uma sequência na qual assumem o papel de janelas. Uma parábola em torno da única experiência cinematográfica de Beckett, seu *Film*, estrelado por um Buster Keaton ancião, vestido com um tapa-olho... Ver é memória, ver é sequestro... ver é ver a si mesmo, é perceber-se... Dádiva e maldição... Uma armadilha ou uma ironia?

A questão está posta. O convite é para que se explore a caixa-preta. Possibilidade de aclaramento. *Luz sem luz*.